Para os meus três amores,
Frederico, Filipe e Diogo.

Descolagem

Braga, 23 de outubro de 2011

Dez e um quarto, a hora a que ele terminava o pequeno-almoço e saía de casa. Senti que um suor fino me humedecia a nuca enquanto caminhava até ao portão gradeado da Escola Secundária Sá de Miranda.

Cumprimentei a D. Palmira e perguntei-lhe pelo *Timon*, o seu minicaniche que ela tratava por filho. Era importante que ela se lembrasse de mim.

A Mariana apareceu logo a seguir, tinha a voz embargada ao despedir-se dela antes de atravessar o portão, mas a D. Palmira não reparou, atenta à conversa dos alunos mais velhos na escada.

A mão da minha irmã procurou a minha, trémula e também pegajosa.

— Tens a certeza?

Não tinha, mas não via outra saída.

— Claro que sim. Vai correr tudo bem. — Quase nada iria correr bem. — Confia em mim.

Para não dar azo a mais dúvidas ou perguntas que nos enfraquecessem, transformei a curta viagem de carro até à zona do Nogueiró numa verificação dos procedimentos feitos e dos que nos faltavam fazer. Dois pilotos a correr os passos da *checklist* de segurança antes da descolagem, prestes a levantar um avião com metade do combustível e sem um motor.

Confirmámos que o carro desportivo dele não estava, a Mariana abriu os portões que davam para o nosso jardim e avancei com a carrinha usada pela minha mãe.

A Ana também não estava. Depois de vinte anos a tempo inteiro, devido ao encurtamento do ordenado, fora encorajada a procurar outras casas e passara a vir apenas dois dias por semana.

Pedi à Mariana que começasse a encher o porta-bagagens com os sacos guardados na garagem, cheios de roupas «que iriamos doar numa feira de caridade organizada pela minha universidade».

Quando vi a minha mãe, a taquicardia de ter subido a escada a passo de corrida agudizou-se numa dor fina que me penetrou nas costelas. Estava demasiado pálida e a cabeça apoiava-se de forma pouco natural nas almofadas.

Aquietei um pouco a minha angústia ao notar-lhe a pele quente e a respiração tranquila. Fiz-lhe uma festa no cabelo para a acordar, que não surtiu nenhum efeito. Fui aumentando o vigor com que lhe tocava na cara, até que abriu os olhos.

— Mãe, é hoje, mãe. Tens de te levantar, por favor.

Não sei se me ouviu. Fez um esgar de desconforto com a luz que acendi, virou-se para o outro lado e voltou a dormir.

Abri as persianas até cima e depois as janelas, na esperança de que descer a temperatura do quarto me facilitasse a tarefa de a reanimar.

Remexi a roupa que ainda sobrava no guarda-vestidos e escolhi umas calças e uma camisola larga que não foram para os sacos de supermercado que a Mariana devia estar a transportar. Destapei-a, passei-lhe as mãos por baixo das axilas e ajudei-a a sentar-se. Comecei a vesti-la, ao mesmo tempo que frisava, em contínuo, tanto para ela como para mim, a importância do dia, de sermos rápidas, de seguirmos o plano, de não hesitarmos nem perdermos tempo.

— Não sei se é boa ideia. Abandonarmos a nossa casa. Levar a Marianinha para longe da escola e dos amigos. Isto se calhar não foi bem pensado. Vai tu, Kika. Vai tu, filha.

Falava de forma tão lenta e entaramelada que eu não lhe reconheceria a voz se não a tivesse à minha frente, curvada e sonolenta, renitente às minhas súplicas para que me ajudasse a vestir-lhe as calças.

Despedaçou-me por dentro, mas obriguei-me a dizer-lhe as palavras que usaria como último recurso.

— A Cecília pediu-me para te dizer que, se não saíres daqui hoje connosco, vais sair num daqueles sacos pretos em que se levam os cadáveres para a morgue. E quando isso acontecer, ela não só vai faltar ao teu funeral, como ainda vai contar à Mariana que foi por tua culpa que morreste.

Cobriu a cara com uma mão e pensei que fosse começar a chorar, mas, em vez disso, encheu os pulmões com golfadas lentas, como que a estimular os músculos respiratórios atordoados.

— Preciso de tomar banho, e não sei se consigo andar…

O banho não era importante, só caminhar, um pé atrás do outro depois dos sapatos calçados. Descemos a escada num passo moroso e periclitante, o meu braço a rodear-lhe a cintura e a sua mão no meu ombro, até chegarmos até ao carro.

Quando a sentei, respirei fundo e livrei-me da incerteza que me consumira o pensamento nas últimas duas semanas. Ela viria. Soube-o quando me mandou ir buscar o seu ouro, escondido numa caixa de cartão dentro da cómoda do quarto, e mais dois caixotes no roupeiro do quarto de visitas, com pratas, heranças de família e os diários do avô Genvellier. Trouxe os caixotes e arrumei-os no banco de trás porque a bagageira já estava cheia. Depois, fui ao meu quarto, guardei o computador, alguns objetos mais importantes que cabiam em duas mochilas e a minha viola de mogno brasileiro.

A Mariana fez o mesmo no seu quarto, mas precisou de três mochilas grandes mais uma mala de viagem, e temi que não houvesse sequer espaço para ela no banco de trás. Apesar de a viagem ser pequena até ao Intermarché na saída de Braga, não podíamos arriscar ser paradas pela polícia, não naquele dia.

Certifiquei-me com a minha mãe de que tínhamos tudo o que era importante, e depois voltei a casa por uma Nossa Senhora da Conceição e um Menino Jesus de porcelana, uma edição antiga de capa dura da *Mensagem* e outra de *A Cidade e as Serras*, dois álbuns de fotografias, um tabuleiro de xadrez de marfim e uma espécie de lanterna de bronze que ela não guardara na garagem com medo de que ele notasse a sua falta.

A Mariana encaixou os últimos artigos entre as pernas e no colo e a minha mãe choramingou uma despedida à casa que nos viu crescer, o que fez minha irmã equilibrar a Nossa Senhora nos livros com uma mão e esticar a outra para lhe acariciar o ombro. Transpus o portão, saí para o fechar, lancei um último olhar às paredes que a tanto assistiram e arranquei.

Meio-dia e meia. A nossa prima Cecília esperava-nos à hora combinada no estacionamento do hipermercado com a sua carrinha de mercadorias onde transportava os cães e as rações. A minha mãe fora ganhando acordo de si e ajudou-nos a acondicionar tudo na parte traseira da carrinha, forrada com mantas. Quando nos preparávamos para sair, lembrou-se de que lhe faltavam os antidepressivos. Não podia passar sem eles, nem sem o *Victan*, para se acalmar, e o *Zolpidem*, para dormir.

A Cecília enervou-se e falou-lhe com rispidez, zangada porque ela era uma viciada, abusava dos comprimidos para dormir e chegara ali completamente drogada. Só lhe faria bem deixar de os tomar e desintoxicar-se. Sem ele para a atormentar, os antidepressivos deixariam de lhe fazer falta.

A minha mãe não fez caso e pediu-me a chave do carro para voltar a casa, os olhos lacrimejantes. Só ela sabia o martírio que seria parar a medicação de um dia para o outro. Tinha a certeza de que não dormiria noites a fio, e, se lhe desse uma crise de nervos, passaria por uma sensação de morte iminente, mais valia…

Não a deixei terminar e pedi-lhe para me dizer onde guardava os comprimidos. A Cecília impacientou-se, mas, quando a minha mãe se desmoronou em prantos a pedir-nos perdão por todas as suas fraquezas, aconselhou-me a ir sozinha e a despachar-me o mais depressa possível.

O próximo ponto de encontro seria o estacionamento do Via Nova Shopping. Ficar ali mais tempo era arriscado, alguém podia aparecer.

Convenci a Mariana, que continha as lágrimas, a entrar para a carrinha, para o lado da minha mãe, e sosseguei-as, relembrando-lhes de que ele só chegaria ao fim da tarde e de que eu estaria de volta em meia hora.

Estacionei o carro no passeio à frente da nossa moradia. Enchi uma mala de mão da minha mãe com todos os comprimidos que ela guardava

na mesa de cabeceira, e, ao constatar todo o recheio que deixávamos para trás, fui assolada por uma onda de ganância. Corri até à despensa, abri um saco do lixo de cinquenta litros, regressei ao roupeiro, enchi o saco com as malas de marca mais caras e a coleção de anjos e bonecas de *biscuit* em cima da cómoda. Desci, abri outro saco do lixo e esvaziei a vitrina onde ele guardava as pistolas antigas de coleção; depois, preenchi o espaço que faltava no saco com objetos de cristal e de porcelana aleatórios que atirei à pressa, uns em cima dos outros, sem me preocupar se os partia. Preferia fazê-los em pedaços a deixá-los para ele. Concentrei-me na tarefa de arrastar os sacos e içá-los até à bagageira, um de cada vez porque eram demasiado pesados, sem pensar nas consequências da perda de tempo.

Sentei-me ao volante e vi o carro desportivo dele a virar a esquina.

Estacionou atrás de mim.

Estúpida.

Girei a chave na ignição. Os batimentos cardíacos martelavam-me o corpo com tanta intensidade que nem ouvi o arranque do motor. Ele fechou a sua porta e caminhou na direção da minha janela.

Podia acelerar a fundo.

Ele podia deixar-me ir ou vir atrás de mim, impelido pelo destempero e para me castigar pela falta de respeito. Aquele carro familiar não teria a mínima hipótese contra o motor do carro dele.

Estúpida. Deitei tudo a perder pelas tralhas na bagageira. Estúpida.

Abri o vidro, mas não desliguei o motor. Ele apoiou a mão na janela. Passou-me pela mente a ideia de que podia arrancar enquanto lhe segurava na manga do casaco. Se conseguisse arrastá-lo alguns metros e o magoasse, isso iria atrasá-lo, caso viesse atrás de mim.

— Onde é que vais nessa figura e com o carro da tua mãe?

Devia estar a referir-se ao meu estado descabelado e transpirado. Passei a mão pela testa e limpei gotas de suor.

Eu previra muitos cenários possíveis para aquele dia, era uma obsessão que eu não controlava, fazer previsões. Ele encontrar-me sozinha com a bagageira cheia dos nossos pertences em sacos do lixo não fora uma delas.

Pensa.

— Vamos fazer uma atuação num evento no Claustro do Espaço Vita. A mãe emprestou-me a carrinha para trazermos alguns materiais do *campus* de Gualtar.

— A faculdade não tem carrinhas para vos transportar os instrumentos e essas coisas todas?

Claro que tinha. Em nenhum dos eventos em que cantei no âmbito da pós-graduação, fora necessário transportar materiais.

— Isto é uma coisa privada, só para um pequeno grupo. A universidade cedeu alguns equipamentos, mas não se responsabilizou pelo transporte.

Fez um esgar depreciativo na minha direção.

— Espero que te paguem alguma coisa de jeito, para variar. Já que a gasolina vai ser à minha custa.

— Sim, as condições são boas.

Fiquei na dúvida se mencionar que lhe pagaria a gasolina poderia aplacá-lo e deixar-me ir ou se acionaria uma reação repentina de indignação.

Optei por me calar.

— Estiveste com a tua mãe? Vim almoçar a casa para ver como ela está. Fiquei preocupado hoje de manhã, ela estava tão adormecida que nem deu acordo quando saí. Anda a abusar daqueles medicamentos para a depressão e aquilo não lhe faz bem nenhum. Só quer dormir, mal fala, afeta-lhe o raciocínio e até lhe tira o apetite. Devias entrar comigo, almoçávamos e tentávamos chamá-la à razão.

Adiantei-me, antes que ele alcançasse o manípulo da minha porta.

— A mãe não está.

Surpreendeu-se e pareceu desagradado. Sem a Ana e sem a minha mãe, ninguém lhe poria a comida no prato.

Precisei de ser verosímil e ganhar tempo.

— A mãe não sabia que vinhas. Foi almoçar com a avó Angelina.

A voz e a postura tornaram-se amargas.

— Claro que foi, passa a vida com a mãezinha dela! Já a minha mãe podia morrer que ninguém dava conta. Nem a tua mãe, nem vocês. Um dia destes, o coração da tua avó Natália vai falhar e vocês as três vão arrepender-se de a terem deixado ao abandono, ou se calhar não

vão, os jovens de hoje em dia não têm respeito nenhum e estão-se nas tintas para toda a gente! Bem, já que aqui estou, queres vir almoçar comigo?

— Desculpa, não posso. Estão à minha espera e já estamos em cima da hora para conseguir montar tudo a tempo do espetáculo.

Abanou a cabeça num gesto de desprezo.

— Claro que não podes. Idiotice minha ter perguntado. Deixa estar. Vou almoçar sozinho, como um cão. Se calhar, se fosse um cão, faziam-me mais companhia, sobretudo a tua irmã, que passa a vida a trazer rafeiros e eu que os alimente até ela lhes arranjar novos donos. Se eu soubesse, não tinha tido filhos. Cambada de ingratas.

Baixei os olhos para o volante. Qualquer contacto visual poderia ser interpretado como um desafio e o mote para ele galgar na fúria e nos insultos. Além disso, ele retirara a mão da janela para esbracejar, pelo que a hipótese de o arrastar, que eu provavelmente nem seria capaz de levar avante, estava fora da equação.

Só me restava esperar que daquela vez ele se acalmasse. Estarmos em público jogava a meu favor, mas, depois de tudo o que vivera, nada era garantido.

— Estou a falar contigo.

Era o mote para o encarar, fi-lo a pisar a embraiagem e deslizei a mão até ao manípulo das mudanças.

Foi um silêncio longo, ele gostava de criar expectativa. Prendi a respiração nos instantes decisivos enquanto ele soprava.

— Bem. Sendo assim, vou voltar para a empresa e como qualquer coisa por lá. Vai-te embora. Não te esqueças do que eu te disse. Preciso mesmo que fales com a tua mãe sobre a carrada de comprimidos em que ela se anda a encharcar. Pode ser que ela te ouça, já que de mim ninguém faz caso.

Abandonámos o carro à saída de Braga com os nossos telemóveis antigos lá dentro. Três dias antes, adquirira um pré-pago, com o qual ligámos à avó Angelina, a avisar que estávamos bem, que não se preocupasse com nada do que lhe dissessem sobre o nosso desaparecimento e não contasse a ninguém sobre aquele telefonema. A chamada foi um

martírio, ela tentava demover-nos com a voz embargada pelo choro, recusando-se a aceitar que iríamos desaparecer, mas foi o preço a pagar para ela não ser apanhada de surpresa, fazer queixa na polícia, pensar algo pior ou ter um colapso nervoso, como quando o meu avô morreu.

Fomos por estradas nacionais até Castro Laboreiro para evitar as câmaras das autoestradas. Era mais seguro e só nos custava um aumento de tempo de viagem.

A quinta da prima Cecília, refúgio das nossas férias onde a Mariana se deleitava com os bichos e a natureza, nunca lhe deve ter parecido mais desoladora do que quando chegámos. A minha irmã deixou-se ficar dentro da carrinha, o olhar triste por detrás do vidro, a ver-nos descarregar os nossos pertences debaixo de uma chuva fina que nos gelava a cara e as mãos.

Fiz menção de tocar na janela para a resgatar daquele marasmo, mas a minha mãe impediu-me.

— Só agora é que ela se deu conta do que fizemos e de como a vida dela vai mudar. Deixa-a ficar no carro, a interiorizar. Quando formos para dentro, já a chamo.

Assenti, um pouco magoada pela forma como a minha mãe falou, não deixava claro que a vida da Mariana, ou de nós as três, fosse mudar para melhor. O objetivo do êxodo era esse.

Num silêncio pesado, orientámos os caixotes e sacolas pelos quartos enquanto a Cecília nos preparava algo para comer. Acabámos as arrumações e rumámos à cozinha, as três amparadas umas nas outras até à mesa posta, canja de galinha e presunto fatiado, comida de conforto para as refugiadas em que nos tornáramos.

Antecipei-me, para que a Mariana, vegetariana e guardiã dos direitos dos animais, com os olhos prestes a transbordar, não precisasse de se manifestar.

Perguntei pelo queijo para lhe fazer uma sande ou então por ovos, para cozinhar uma omeleta. Tinha a certeza de que a Cecília nunca adquirira *tofu* ou seitan. Ovos e leite, apesar de obtidos através de exploração animal, de acordo com os sermões que a Mariana me dava, não implicavam a morte direta dos bichos.

Decide-me pela omeleta de ovos das galinhas felizes que andavam à solta pela quinta, o que a Mariana poderia confirmar mais tarde. Ela recusou a oferta, assim como o queijo das cabras bem tratadas que se passeavam ali perto.

— Não finjas que está tudo bem. Feliz e contente, como as galinhas e as cabras que nunca viste. Pões e dispões, pensas que resolves tudo, mas não resolves. É impossível! Há coisas que não têm solução! Eu não sei se queria fazer isto!

A minha irmã desabou, como uma boneca linda e revoltada, a quem retiram as pilhas. A cabeça pendeu-lhe sobre o braço que apoiava na mesa e o corpo contorceu-se em soluços silenciosos, que gradualmente se tornaram sonoros e me espetaram por dentro.

A minha mãe impediu-me de a alcançar, levantou-a e encaminhou-a para o quarto onde iria dormir.

— Anda, Marianinha. Vamos, chora tudo que precisares.

Fiquei com a Cecília, que desistiu da canja e pegou no prato de presunto, alcançou uma garrafa de licor de mel e levou-a para nos sentarmos à lareira.

Aceitei o licor de mel e um cigarro que ela enrolou, porque ficavam mais baratos do que os L&M. Em tempo de crise, não lhe compravam os cães de raça que criava e as reformas constantes na quinta eram um sugadouro de dinheiro.

— Agora estão as duas a chorar, zangadas comigo, como se a culpa fosse minha.

— A Mariana não está zangada contigo. É adolescente. Dispara em todas as direções. Não te lembras de ser assim?

Lembrava-me de uma revolta constante, mas só contra ele, e contra quem não acreditava em mim, e contra quem gostava dele…

— Eu se fosse a ti, pensava melhor antes de levares isto avante. Podias ir-te embora sozinha para Lisboa, para fora do país, ou para onde quiseres. Tens vinte e três anos e uma vida inteira à tua frente, elas iam compreender se seguisses o teu caminho. Eu ficava cá com elas. É certo que ele vai acabar por aparecer. Se bem o conheço, vai aparecer mansinho como um cordeirinho, até acabar por convencer a tua mãe a voltar. Como fez todas as outras vezes em que ela se refugiou cá, desde

que vocês eram pequenas. Ele não pode viver sem ela… E ela é adulta, tem de decidir a vida dela.

Fiz um gesto subtil de negação, suspeitava de que havia esferas da vida da minha mãe em que ela não se comportava como uma adulta. A Cecília não me contrariou.

— Elas vão ser um fardo para ti, duas bocas a mais para alimentar. Além disso, não sei se a tua mãe aguenta viver sem ele. Quem sabe, se as deixares cá durante uns tempos, ele se aperceba de que as pode perder e mude. Tenho a certeza de que elas compreendem se te fizeres à vida sozinha.

Apaguei o cigarro e voltei a encher o cálice. A Cecília mentia, não acreditava que ele mudaria, ou se acreditava, era porque não presenciara o que se passava amiúde na minha casa, e as palavras eram fracas para descrever as imagens gravadas na minha mente.

— Não foi na última discussão, em que ele a arrastou pelos cabelos, com a Mariana em prantos atrás deles. Foi na antes dessa. Começou por uns papéis importantes que ele não encontrava. Acusou-a de o distrair quando ele os levava ou trazia do carro, qualquer coisa assim. Ela defendeu-se, atreveu-se a dizer que a culpa não era dela. Estavam na entrada, porque ela lhe imitou o percurso enquanto também procurava os tais papéis. De repente, ele deu-lhe um sopapo. — Era estranho que eu continuasse a pensar que as agressões eram de repente, quando depois de tantos anos era absolutamente previsível que iriam acontecer, eram o desfecho inevitável. — Ela caiu desamparada, parecia um objeto que alguém atira ao chão. Aconteceu tudo tão rápido que eu nem consegui fazer nenhum som até a ver estatelada. A cabeça dela passou a esta distância do primeiro degrau da escada. — Exemplifiquei dez centímetros com os dedos indicadores, os dez centímetros que pouparam o crânio da minha mãe.

— Se eu as deixar aqui, mais tarde ou mais cedo, ela vai voltar para casa com ele. E vai morrer. É uma questão de tempo, Cecília. É só deixar correr os dias e os acessos de fúria. Ele vai matá-la. Pode demorar semanas ou meses ou anos, mas vai acabar por acontecer.

A Cecília, pouco dada a palavras meigas e manifestações de afeto, massajou-me a coxa num movimento desajeitado.

***

Dois dias depois, ao fim da tarde, ele apareceu.

Ouvimos o carro a aproximar-se, e depois, o desaustino dos cães, delatando quem não era da casa e receava abrir o portão.

Eu soube-o assim que ouvi o som do motor, mas não resisti ao masoquismo de subir ao 1.º andar e espreitar por uma nesga da cortina, a minha mãe atrás de mim. Ela não o viu, mas os seus dedos nervosos enterrados nas minhas costas eram prova de que também o sabia.

— Percebes alguma coisa? Do que estão a dizer?

Era impossível distinguir-lhes as vozes, com o vidro fechado e os cães a ladrarem a intervalos irregulares.

Vi a Cecília a abanar a cabeça, não o iria deixar entrar, e ele, por muito determinado que estivesse, não iria passar dali. Sobressaltava-se de cada vez que o *Ringo* e o *Jambo* se empoleiravam no portão. Nunca gostei tanto de cães como naquela tarde.

Só restava saber se ele desistiria e sairia dali sem encontrar a Mariana, que andava a passear-se sem rumo, com as galochas da Cecília, a verificar se as cabras e as galinhas das redondezas eram, de facto, bem tratadas.

Arrastei a minha mãe comigo até à janela que dava para o outro lado da casa, para escrutinar o horizonte em busca da minha irmã, como se o meu frenesim a analisar a paisagem pudesse impedi-la de aparecer.

Durante uns penosos minutos, desesperei várias vezes ao vislumbrar a Mariana na sombra de uma árvore ou confundindo-a com a silhueta de um pastor, até que o som do motor do carro me aplacou a ansiedade crescente, e descemos em busca da Cecília.

A minha mãe interrompeu-lhe os insultos corridos.

— Como é que ele estava?

— Não me digas que estás com pena desse grande filho da puta?! Sim, não me olhes assim, aquela puta da mãe dele é que nem devia ter nascido! Não acredito, Teresa! Sabes do que é que eu tenho pena? De ele não ter entrado e de os cães não o terem estraçalhado! Estás com pena deste cabrão?! Coitadinho, não tem ninguém para maltratar! Pode sempre dar uns sopapos na parede, a ver se a consegue derrubar!

Tive vontade de lhe dizer que parasse e que não atacasse assim a minha mãe, mas era graças à Cecília que estávamos longe dele. Viéramos na sua carrinha. Estávamos quentes, a comer a sua comida e debaixo do seu teto.

— Não, não estou com pena dele. Só te fiz uma pergunta. Estou no direito de perguntar, e tu estavas no direito de não responder, em vez de armares um escândalo.

A Cecília recuou na hostilidade ao ver a minha mãe pegar no casaco e anunciar que iria procurar a Mariana. Eu ofereci-me para a acompanhar, mas ela recusou.

— Fica com a tua prima, Kika. Eu quero ir sozinha.

Insisti, porque queria que soubesse que a minha lealdade estaria sempre com ela, e a Cecília também lhe pediu que me levasse.

— Deixam-me ir sozinha? Ou estou aqui presa? Ou sob vigilância? Tenho de andar de mão dada com a minha filha adulta? Digam-me as regras todas, o que posso fazer, o que posso e o que não posso perguntar, para ficar explícito.

Assim que a minha mãe fechou a porta atrás de si, a Cecília fez um estalido com a língua e encarou-me, descontente.

— Ele vai correr todos os outros sítios onde vocês possam ter pedido guarida e depois vai voltar aqui. Vai rondar a casa ou pedir a alguém para o fazer. Se não queres mesmo que ele vos encontre, têm de se ir embora.

O único trabalho onde podia entrar de imediato era num *call center* de uma empresa de alarmes em Lisboa. Não era apelativo, mas era o possível. Também encontrara um T2 numa zona limítrofe chamada Olaias, com uma renda baixa e que não pedia fiador.

— A conjuntura não está a vosso favor. Não sei se vocês vão aguentar as despesas. E olha que ele, apesar de estar falido, ainda tem muitos amigos em muitos sítios. Vai ser difícil manterem-se escondidas, basta um passo em falso e ele encontra-vos.

Lembrei-me da distância entre o crânio da minha mãe e a esquina do primeiro degrau da escada de pedra.

Fui buscar um bloco e uma caneta; a Cecília, os cigarros e o licor de mel.

Ele tinha amigos em vários bancos, incluindo no Banco de Portugal. Alguém poderia avisá-lo assim que aparecesse uma conta nova em nosso nome. A Cecília cedeu-me uma das suas contas, deu-me um cartão de débito e o NIB, para que a empresa de alarmes me depositasse o ordenado.

As finanças também não eram seguras. Era inevitável a nossa empresa ser executada, e ele conhecia várias pessoas que o avisavam regularmente dos trâmites do processo. Era inseguro mudar a nossa morada fiscal.

Inscrever a Mariana noutra escola não parecia perigoso. Pessoas ligadas ao ensino não faziam parte da sua rede de contactos.

Corríamos sempre o risco de ele reportar o nosso desaparecimento à polícia, e aí a inscrição da Mariana na escola seria de imediato notada, bem como estarmos a «raptar» uma menor. A Cecília estava convencida de que ele não o faria.

— Ele não se vai expor dessa forma. Tens de ter muito cuidado é com a minha tia Angelina, a tua avó é a pessoa mais provável de fazer queixa às autoridades. Vai ser difícil, mas tens de a sossegar para ela aceitar o vosso desaparecimento. Ao contrário dela, o teu pai tem a consciência pesada, sabe que se fizer queixa e a polícia entrar em campo, os podres vêm-lhe todos ao de cima. Por muito que ele vos queira encontrar, valoriza demasiado a sua imagem e a liberdade, não se vai atrever a perdê-las…

Percorridas várias estratégias sobre como desaparecer e mantermo-nos na segurança da clandestinidade, ouvimos a voz da Mariana a afofar o «*Jambinho*» e o «*Ringuito*», como se fossem duas miniaturas de peluche e não uns canzarrões castro-laboreiro que lhe davam pela cintura. Fechei o caderno e a Cecília concluiu em modo de reflexão.

— Estás a escolher uma vida complicada. Não sei mais o que te diga, tenho muitas dúvidas, mas também… o pior que te pode acontecer é passarem fome e terem de voltar.

Não era.

Uma pequena luz interior

Lisboa, 13 de novembro de 2013

Tinha fome.

Eram quase sete da tarde e só comera um iogurte com cereais à hora do almoço, não quisera gastar quatro euros numa empanadilha num café à saída das Amoreiras.

Mudei de passeio para evitar o restaurante indiano, o cheiro a caril iria acentuar-me a sensação de vazio no estômago e gastar nove euros e noventa e nove num *menu tikka masala* também não era opção. Em casa, havia empadão de atum que sobrara da noite anterior.

Pedi indicações pela segunda vez desde que saí da Estação de Metro do Rato e lamentei-me mentalmente da geografia caótica de Lisboa, encontrei a travessa e memorizei o sinal de perda de prioridade, ponto de referência para regressar à perpendicular da Rua da Escola Politécnica.

Encontrei o número quinze, deparei com a porta fechada e senti uma guinada de derrota, mas toquei à campainha.

A porta larga de madeira verde-escura entreabriu-se, revelando um homem alto e de constituição corpulenta, de olhos azuis e cabelos claros muito curtos, surpreendido pela minha presença.

— Venho para as audições.

Lançou-me um olhar reprovador e consultou o relógio.

— As audições acabaram há duas horas, mas podes voltar amanhã, das duas às cinco, é o último dia. — Mordi os lábios a acusar a crítica e ele acrescentou mais condescendente. — Não te atrasares, é um bom começo para te correr bem.

Não o deixei fechar a porta. Teria tido mais receio se, em vez de se tentar livrar de mim, me convidasse a entrar com um sorriso afável.

Também não conseguiria chegar a horas no dia seguinte. Faltar ao trabalho que nos pagava a renda estava fora de questão.

— Posso falar com o responsável pelas audições? — Ele não parecia ser o responsável e mostrou-se indeciso em deixar-me passar. — Trabalho numa loja de roupa e só saio às seis, por isso é que só cheguei agora. Amanhã também não me vão deixar sair mais cedo para vir aqui. Posso entrar e explicar isto à pessoa responsável, por favor?

Encaminhou-me para o interior do Clube Álibi, explicando-me ao longo do percurso que era o segurança, e que, apesar de ter cedido, não iria servir de nada eu falar com o Pedro porque os músicos que davam apoio às audições já se tinham ido embora.

Passei a entrada decorada com um espelho grande e um bengaleiro de madeira escura, percorri o espaço com o olhar e soube quem era o Pedro antes de o segurança apontar. Um homem na casa dos trintas estava sentado numa das mesas mais próximas do bar, descontraído como só os «responsáveis» podem estar. Bebia um copo de vinho e tinha uma sande à sua frente, meio abandonada, que se revelou uma tosta assim que lhe pousei os olhos esfomeados em cima, muito queijo, tomate e orégãos, parecia deliciosa e cheirava ainda melhor do que o *tikka masala*.

Expus-lhe as razões do meu atraso e pedi-lhe que me desse uma oportunidade, garantindo que nunca chegaria atrasada às atuações, uma vez que o clube só abria às dez da noite.

O responsável ouviu-me com uma expressão neutra enquanto eu quase suplicava por uma oportunidade. Esperou que eu terminasse e fez-me um gesto de negação.

— Desculpa, mas os músicos já saíram e arrumaram os equipamentos, colunas, microfones, tudo. Foi uma pena teres feito a viagem em vão. O Augusto acompanha-te à saída.

O homem que me deixara entrar encolheu os ombros, aproximando-se com o intuito de me escoltar de volta. Esquivei-me, dei mais um passo na direção do Pedro e elevei a voz, numa atitude que tive consciência de que poderia ser interpretada tanto como perseverante ou inconveniente.

Não tinha nada a perder.

— Não preciso de músicos, nem de microfones, posso cantar à capela. Quer que cante aqui à sua frente? — Virei-me e sinalizei a outra ponta da sala. Mesmo sem assistência, aquele pedaço de madeira quarenta centímetros acima do chão chamava-me, como se sussurrasse o meu nome numa frequência que só eu podia ouvir. — Ou posso ir ali para o palco?

Ele fitou-me com mais atenção e tentei não pensar que a minha insistência rasava o desespero. Desviei a atenção para a decoração elegante do Álibi, o clube, tipo discoteca, da moda com música ao vivo, que anunciara nas redes sociais a vaga para uma cantora e respetivo horário para as audições.

Ele levou o copo de vinho aos lábios, bebeu um gole sem pressa e perguntou-me como me chamava. Fê-lo com um brilho novo no olhar, que não discerni se era surpresa ou divertimento.

— Francisca.

O meu nome completo era Maria Francisca Teles Genvellier da Cunha Duarte, mas, quanto menos pessoas o soubessem, mais seguras estaríamos. A questão seguinte, sobre a minha idade, vinte e cinco anos, era inócua.

Recostou-se na cadeira e cruzou os braços.

— Eu sou o Pedro. Sendo assim, Francisca, podes começar, aí mesmo onde estás.

Recuei um pouco, engoli saliva e humedeci os lábios para me preparar.

— Diga-me que canção quer ouvir.

Passou a mão pelos cabelos que continuaram desalinhados e a sua postura tornou-se um pouco mais branda ao esboçar um pequeno sorriso. O tom de voz grave, os olhos castanho-claros, a expressão indecifrável e a barba de poucos dias formavam um conjunto atraente, mas isso era a última coisa que me interessava.

— Escolhe tu, deixo ao teu critério.

Arrependi-me por não ter visto mais vídeos de atuações anteriores e preparado uma música relacionada com o estilo do clube. Ter imaginado que haveria um rol de temas definidos de acordo com o alinhamento do Álibi não me desculpava de não ter duas ou três propostas bem ensaiadas.

Ainda por cima, ele mantinha os olhos em mim, expectante e avaliador, de braços cruzados, à espera de que eu avançasse depois de me ter proposto com audácia, o que esbateu da minha mente as muitas canções que sabia de cor. Antes de eu decidir se os clientes do Álibi seriam mais adeptos do Michael Bublé ou da Rihanna, uma mulher loura apareceu e falou-lhe em voz baixa, não o suficiente para que eu não ouvisse.

— Chegou duas horas atrasada no dia das audições, no dia das atuações nem quero imaginar. Além disso, disseste-me que já te tinhas decidido pela Susana. Não percebo, porque é que vais perder tempo a ouvir mais alguém?

As audições eram a uma hora diferente das atuações e o motivo do meu atraso era precisar do outro emprego, o que era irrelevante frisar, dado que seria uma Susana a ficar com o lugar. Fora ingénuo da minha parte pensar que tinha alguma hipótese.

Três outros empregados apareceram e alternavam a atenção entre a mulher loura, o Pedro, que se justificava com monossílabos em voz ainda mais baixa, e a minha pessoa.

— Já escolhi a canção, posso começar?

Não iria ficar com aquela vaga. Não iria pisar aquele palco que se transformara numa miragem, mas iria atuar, fora por isso que viera.

Encarei o Augusto, o segurança que não me expulsara apesar de saber que eu insistia num beco sem saída, e atirei-lhe o meu sorriso menos inocente antes de começar a *So What*, da Pink. Dei largas à minha voz, quando cantava deixava entrar outra pessoa no meu corpo, o som em mim era livre e destemido.

Na-na-na-na, na-na, na
Na-na-na-na na-na
I guess I just lost my husband
I don't know where he went

Cantei para o Pedro, o responsável, para a mulher que o relembrou de que o lugar estava destinado e para todos os empregados que se lhes juntaram, esforçando-me para não perder o compasso da música, o mais difícil de cantar à capela.

Os sons que eu criava levavam-me para outro tempo e lugar. Permitiam-me atravessar dimensões e desfrutar de outro mundo, impalpável, sonoro, no qual me podia esconder por horas. Ansiava por aquele momento, por fugir da clausura da minha dimensão, através das notas, dos decibéis e dos olhares atentos de quem me ouvia. Era vital, aditivo e viciante.

Não iria ser contratada, mas, só por ter cantado para aquela pequena audiência, a viagem já não fora um fracasso.

O Augusto bateu umas palmas discretas e a mulher loura, que devia ser mais ou menos da idade do Pedro e usava um vestido cinzento, falou num tom recriminador.

— Ó Pedro, mas esta miúda pensa o quê? Que isto é um bar *punk*, ou de moches?

Peguei na mala e preparei-me para sair, mas o Pedro antecipou-se.

— Tem calma, Andreia. — Disse-o com a mão direita apoiada no braço dela, passou os dedos pelos fios curtos da barba e dirigiu-se a mim. — Podes cantar outra canção?

A pergunta sugou-me o ar dos pulmões. Havia a possibilidade de me ter precipitado ao assumir que o lugar estava atribuído. Ele não parecia querer divertir-se à custa do meu desespero. Ele queria ouvir-me, e eu, num acesso de insensatez e idiotice, «desperdiçara» a primeira atuação com uma escolha despropositada.

Percorri o meu pequeno público com o olhar, em busca de repúdio ou apoio.

— Querem escolher uma balada?

Um senhor mais velho, com cerca de cinquenta anos, de rosto moreno, onde sobressaíam uns olhos escuros e um sorriso simpático, pediu-me uma música da Celine Dion. Engoli em seco e preparei-me para o *My Heart Will Go On*.

— Não, Francisca, não queremos escolher uma balada. — O Pedro amenizou a postura com que se sobrepusera ao senhor moreno e balançou a cabeça num esgar que o tornava mais juvenil. — Canta uma música de que gostes e que tenha que ver contigo, um pouco menos… — fez uma pausa em que pareceu renunciar à primeira palavra que lhe ocorreu — …enérgica.

***

Não pensei, se pensasse só me iria enervar ainda mais. Segui o meu instinto e avancei para a *Dog Days Are Over*, dos Florence + The Machine.

…
The dog days are over
The dog days are done
The horses are coming
So you better run

Aquela música não era fácil, mas saía-me sempre bem à capela, porque desde que a ouvi pela primeira vez, cantava-a constantemente, alto ou só na minha cabeça. Fazia-o e imaginava sempre as mesmas pessoas quando pensava nos *dog*s, queria vê-los, nem que fosse só em pensamentos, fracos e apavorados, a fugir dos cavalos que estavam a chegar e os fariam pagar. Nem precisara de pensar na letra porque já a absorvera, fluía-me sem esforço, como num transe em que libertamos os nossos desejos mais profundos.

Quando terminei, a Andreia saiu em direção a uma zona restrita ao público e os restantes estavam fixos em mim. Não me importava se eram cinco ou cinquenta pessoas, eu adorava aquele momento fugaz entre o fim da minha atuação e a reação do público. Cantar tinha tanto de dar como de receber.

— Quer que cante outra?

A minha pergunta provocou um ligeiro sobressalto no Pedro, absorto em algo de que se desligou depressa, porque me respondeu recomposto.

— Não, está bem assim, ficamos por aqui. Deixa o teu número de telemóvel com o Augusto quando saíres, se fores selecionada, entramos em contacto contigo.

Regressei pelo mesmo caminho, vi a alusão a *takeaway* no cartaz do restaurante indiano e imaginei que, na improvável hipótese de conseguir aquele segundo emprego, talvez pudesse levar caril de gambas para três de vez em quando.

***

Uma hora depois, cheguei às Olaias e ao nosso prédio cinzento de três andares a precisar de uma reforma. Notei as calças de ganga na varanda que nos pertencia e soube que a minha irmã lavara as calças preferidas. Iria usá-las ainda húmidas na manhã seguinte e secá-las no corpo, e a mãe iria avisá-la pela milésima vez que se arriscava a apanhar uma pneumonia.

Se conseguisse aquele segundo emprego, também podia comprar-lhe outras, do mesmo modelo e noutra cor.

Subi os dois lances de escada, introduzi a chave na fechadura e empurrei a porta, produzindo o som áspero de madeira a rojar pelo chão.

O lado positivo de termos a porta empenada é que nenhum ladrão passaria em silêncio se usasse aquela via de entrada. Por outro lado, assim que a transpusesse, encontraria um dos escassos objetos de valor no nosso decrépito apartamento: o abridor de cartas de prata que a minha mãe herdara do avô Genvellier, com cabo trabalhado e uma pedra preciosa, pousado na mesa de pé de galo com as pernas compensadas com uma cartolina dobrada.

Tinha a impressão de que aquele era o único bem que a minha mãe jamais me deixaria vender. Depois dos bibelôs e das malas de marca, desfizera-se de anéis de ouro em detrimento daquele objeto ostensivo e quase de mau gosto, e, no meu entender, também inútil. Só recebíamos cartas com contas. Podíamos abri-las com as mãos, mais rasgão menos rasgão não faria diferença quando eu as levasse ao multibanco para fazer os pagamentos de acordo com o saldo disponível na conta que a Cecília me cedera.

Espreitei o meu reflexo no espelho comido pela ferrugem acima da mesa de pé de galo, o meu cabelo ainda mais revolto do que habitual, uma linda e longa tempestade de cobre, era o que dizia a minha mãe, fã de metáforas e palavras bonitas. O estado da minha juba provavelmente devia-se à atuação enérgica, assim como o brilho nos meus olhos, que não estava lá de manhã. Isso também se devia à atuação enérgica: cantar alimentava-me uma pequena luz interior, que sentia mirrar a cada dia que passava.

***

A minha mãe e a Mariana esperavam-me para dividirmos as sobras do empadão de atum e depois ficámos aninhadas no sofá, a ver o *remake* da *Gabriela, Cravo e Canela*, que a minha mãe insistia em comparar com a primeira versão, mais fiel ao maravilhoso livro do Jorge Amado.

Assim que a mãe nos deixou com um beijo, a Mariana aproveitou para ocupar o sofá inteiro e deitar a cabeça no meu colo. Percorri-lhe a testa e o perfil do nariz arrebitado com o meu indicador, desviando-me dos salpicos de pasta de dentes, que ela descobrira algures que era o melhor remédio caseiro para as borbulhas. Mantinha as mesmas feições de criança, os olhos verdes grandes rodeados de pestanas espessas e os lábios finos como uma boneca. Acariciei-lhe os cabelos ondulados e notei-lhe a expressão comprometida que usava quando perdia os meus brincos depois de os surripiar e quando se esgueirava para a minha cama depois de ter feito chichi na dela.

— Conta, Mariana.

Acedeu, depois de um revirar de olhos, que significava relutância em fornecer mais do que dez segundos de explicações.

— Tive falta de material a Físico-Química porque não tenho bata para as aulas de laboratório.

— Não sabias que era preciso bata? O professor não vos avisou? Estamos em novembro…

Depois de um bufar entredentes, respondeu num tom contrariado.

— Sim, avisou e na semana passada até me disse onde comprar, mas eu fui lá ver e custa vinte euros. Pensei que, se usasse uma camisa branca da mãe, podia passar despercebida...

Queria tê-la recriminado, mas não pude evitar uma gargalhada. Contra tudo o que seria expectável tendo em conta o que já tínhamos passado, os dezassete anos da Mariana e alguns dos seus raciocínios eram de uma infantilidade irresistível.

— O que foi? Até podia ter resultado, se o stor não andasse feito cusco de bancada em bancada…

Fiz-lhe cócegas por baixo das costelas, o sítio secreto que resultava sempre, para que ela se risse também.

— És tão palerma! Isso compra-se em segunda mão por menos de metade do preço. Amanhã procuro *online* e para a semana já levas. Não voltes a esconder-me coisas de que precisas para a escola, tenho dinheiro de reserva para despesas inesperadas. — Fiz uma pausa e sinalizei a mesa de pé de galo. — E não te preocupes que ainda temos artigos para vender, incluindo o abridor de cartas feioso que a mãe insiste que é uma peça com «valor sentimental».

Fiz um gesto coquete com as mãos, uma caricatura da mãe noutros tempos, quando éramos convidadas para festas da sociedade de Braga e do Grande Porto, em vez de vivermos escondidas num T2 na capital.